

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *As Razões do Imaginário. Comunicar em tempo de revolução. 1960-1990. A ficção de Almeida Faria*. Editora da Universidade de Santa Cruz, Fundação Casa de Jorge Amado, Bahia. 1998

A atuação do escritor no imaginário político parece ser uma das facetas mais importantes da ficção portuguesa, sobretudo, da mais recente. Trata-se mais que de um viés, de uma necessidade de compartilhar do destino desse amálgama de nação, país e grupo familiar que vem a ser Portugal. Ali, as pessoas parecem privar de um sentimento de pertinência tão grande que estão sempre certas da relevância de seu papel histórico. Quaisquer que sejam as razões desse fato, poucas são as culturas em que o intelectual e, em particular, o escritor tenha uma presença tão destacada na vida social e política. Mesmo no período mais sinistro da ditadura salazarista, sempre às voltas com o inevitável obscurantismo da época, nomes como José Saramago, José Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, Augusto Abelaira, foram referência na cena pública.

Mas foi em torno do 25 de Abril que se formou a “geração” mais recente de escritores em quem esse viés participativo ficou mais evidente ainda. Dentre eles, destaca-se o nome de Almeida Faria sobre quem a Professora Maria de Lourdes Netto Simões da Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, acaba de publicar o livro *As Razões do Imaginário*, versão de sua tese de Doutorado defendida na Universidade Nova de Lisboa.

Trata-se de um trabalho alentado e minucioso, no qual a pesquisadora procurou estudar o que chamou de “recursos comunicacionais” da obra ficcional daquele escritor, entendendo por tais recursos os procedimentos interativos que evocam a ligação entre a produção ficcional, processo histórico e sua expansão no quadro da leitura.

Logo no início do livro, a autora fala sobre sua posição teórica, situável sobretudo no âmbito da obra de Gumbrecht, para quem o interesse da análise está na compreensão dos fatores responsáveis pela construção dos sentidos que tramam a cumplicidade da produção e da leitura. No entanto, é a obra de Italo Calvino *Seis Propostas para o Próximo Milênio* a grande referência metodológica da autora. Conceitos ou especificidades da obra ficcional como “leveza”, “rapidez”, “exatidão”, “visibilidade”, “multiplicidade” e “consistência” estão na base do aspecto mais estimulante do trabalho.

Embora a autora não considere determinante o critério cronológico para a organização inicial de seu corpus, é ele decisivo, no balanço total que ela fará

da obra de Almeida Faria: o tempo é um dos fatores que irá fornecer elementos de compreensão para a diferenciação paulatina de seus livros.

No capítulo **Caminhando com a História**, a pesquisadora faz a análise de cada livro de Almeida Faria, começando com *Rumor Branco* (1962). Nele, em forma fragmentária, se insinuariam as questões com que convivia o homem português na época (guerra colonial, emigração, questões agrárias), mas sobretudo, se insinuaria o clima pesadamente opressivo da época.; o segundo livro analisado é mais precisamente um conjunto deles (a tetralogia) formado de *A Paixão*, (1965), *Cortes* (1978), *Lusitânia* (1980) e *Cavaleiro andante* (1983) a esse conjunto a autora denomina **Saga Lusitana**. O núcleo ou elo entre esses livros são as questões que se propoem em torno da “revolução” e tem como quadro social o latifúndio alentejano. Trata-se, pelo que se pode deduzir, do núcleo mais tenso da obra de Almeida Faria, que marca a passagem das grandes transformações de Portugal (indo da depressão à revolução e desta ao seu desencanto). Até este ponto do trabalho, o livro é de leitura bastante pesada. A análise de situações e de personagens fica muito sobrecarregada de detalhes impedindo uma leitura mais corrente do texto. Mas talvez a razão desse problema não seja de raiz tão simples pois o mesmo não ocorre com a parte seguinte em que a pesquisadora analisa *O Conquistador* (1990) espécie de paródia do mito sebastianista. Menos preocupada em recompor um possível fluxo de sentidos por baixo da trama ficcional, esse momento da análise, ao mesmo tempo em que se debruça sobre um livro sete anos mais novo do que o ciclo anterior, parece ser também sete anos mais madura. Minha suspeita é de que a própria maturidade da obra de Almeida Faria (é um texto de feitura muito mais apurada e fluida) seja responsável pela mudança de tom da análise. Não só de tom. A autora parece com prazer-se mais neste momento de seu trabalho.

O capítulo seguinte, **Fazendo a História** é um capítulo menos apegado à apreensão de significados e mais preocupado com uma espécie de avaliação do equilíbrio da obra de Almeida Faria. Utilizando-se dos conceitos de Calvino, tais como são expostos na obra citada, a pesquisadora faz aí uma bem inventada forma de apreciar o conjunto dos livros de autor em questão. Isto de modo a levar o leitor a entender sobre o que distingue uma obra como *Rumor Branco* de outra de feitura e do porte de *O Conquistador*. Nesse sentido, não só é possível observar que está nessa parte o que de mais produtivo esse livro propicia ao leitor, em termos de uma visão mais sintética de seu objeto de análise, como também é possível concluir que dá para se fazer crítica sem cair nas armadilhas de uma visão excessivamente analítica que pode levar o leitor a perder a noção do conjunto.

O livro apresenta ainda em anexo um apanhado da situação política e cultural de Portugal no período mais estreitamente ligado à revolução dos

Cravos, onde a pesquisadora dá o contexto com que a obra de Almeida Faria dialoga. Não sei se depois de análises tão detalhadas essa parte se justifica ou se justifica sua publicação nessa forma. Volto a essa questão logo adiante.

Algumas observações cabem nesta resenha quanto à posição crítica da pesquisadora. Em primeiro lugar, louve-se no trabalho, o espírito de minúcia e de exatidão bem como a conveniente escolha de instrumentos de análise. Quanto à sua coesão teórica, ela não me parece suficientemente clara. A conjunção de Gumbrecht e de Calvino, como fontes teóricas, mereceria uma discussão mais explícita. Por outro lado, não há dúvida de que a pesquisadora é vivamente atraída pelo diálogo que Almeida Faria trava com o seu contexto político. No entanto, mesmo considerando as indicações explícitas na obra desse autor, há uma gama de significados de ordem histórica que a análise parece não atingir. Ou melhor, há significados lavráveis e subterrâneos de que são portadoras aquelas alusões explícitas sobretudo da chamada **Saga Lusitana**, que a forte adesão da pesquisadora em relação ao seu objeto parece ter impedido de captar.

Finalizando, ao falar numa aproximação com a Nova História, nas linhas iniciais do livro, a pesquisadora enuncia a possibilidade de um trabalho de que este seu compartilha na intenção, mas não no método. Isto se dá por conta do fato de que, a professora Maria de Lourdes Netto não chegou, apesar de seu imenso esforço, a fazer interpenetrarem-se os discursos da ficção e da história. Retomo aqui a referência que fiz ao anexo que a pesquisadora publica ao final do livro. Exposto daquela forma e naquele lugar, o trabalho parece ser solto e desimportante. No entanto, o texto tem um tom denso e duma feitura bastante ágil. A meu ver, ele deveria vir como parte introdutória ao livro. Trata-se de uma recomposição do quadro histórico com que dialoga a obra de Almeida Faria e que tem o mérito de fornecer ao leitor uma organização pessoal dos dados culturalmente relevantes para a compreensão do sentido mais forte do trabalho da pesquisadora. Embora a um leitor português o texto possa parecer dispensável, na verdade não o é, já que mostra a percepção pessoal de Maria de Lourdes em relação as últimas décadas da História Lusitana. Assim, o desejado entrosamento entre história e ficção ficaria menos problemático se o texto tivesse, como disse, estatuto de texto introdutório.

Nada dessas considerações diminui, no entanto, a importância desse trabalho que vem a ser melhor aproximação da obra de Almeida Faria de que tenho conhecimento tanto pela extensão de seu corpus, quanto pelo vigor de suas descobertas, e rigor de sua análise.